

RABELO, Miriam. 2014. *Enredos, feitura e modos de cuidado: dimensões da vida e da convivência no candomblé*. Salvador: Edufba.

Clara Flaksman

Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ

Pós-doutoranda em Antropologia Social na Universidade Federal da Bahia

clarafleksman@terra.com.br

O livro de Miriam Rabelo começa com um relato etnográfico de visitas feitas pela autora a alguns terreiros de Candomblé. “Embora fosse relativamente livre para observar, pouco via” (: 20), ela nos diz. Logo na introdução acompanhamos o percurso da antropóloga, que vai da observação à iniciação na casa de Mãe Beata — e podemos sentir a dimensão da potência deste encontro. O livro é erigido sobre a convivência, buscando “compreender o processo de construção dos laços entre humanos e entidades no candomblé” (: 22), através da descrição do “mundo vivido do terreiro” (: 23). A trajetória da antropóloga, assim como as de seus diversos interlocutores (que nos são apresentados na primeira parte do livro), servem como esteio para os conceitos fundamentais que ela gradativamente nos apresenta. Cada uma de suas inferências teórico-metodológicas vêm acompanhadas de exemplos etnográficos, e assim somos aos poucos apresentados às ideias fundamentais do livro.

Podemos dividir o livro em duas partes, com todas as ressalvas que uma divisão desse tipo pode gerar: na primeira parte, o componente espacial dá o tom da narrativa. Rabelo constrói, assim, um mapa com os percursos das suas personagens. Desse mapa, depreende-se o sentido que é aprendido, aos poucos, através da convivência no candomblé; e assim chegamos na segunda parte, onde o tempo é o componente principal. A temporalidade atravessa todos os aspectos tratados no livro a partir daí, tanto materiais (os assentamentos, os artefatos, a comida) quanto imateriais (as pessoas, as entidades, a música). Rabelo nos diz que a história, para o candomblé, “não é uma sequência de criações humanas” (: 94). Está, portanto, sujeita a uma temporalidade específica, que afeta a todos, humanos, não humanos, lugares, objetos. Para aprender, no candomblé, é preciso sujeitar-se a essa temporalidade, que alterna doses ideais de conhecimento e de ignorância, de trabalho e de espera, de brincadeiras e de castigos, de conflitos e de hesitações, de sujeição e de dança, de semelhança e de diferença. Tanto os filhos de santo quanto os orixás devem aprender e, segundo a autora, essa é a chave para entendermos a possessão, “um evento relacional” (: 128), que envolve procedimentos específicos. Seu modelo para a análise da possessão baseia-se tanto na etnometodologia quanto na crítica à representação: neste, o orixá é visto como um outro autônomo vinculado (um “mediador pleno na trama relacional” [: 191], como ela nos diz

posteriormente), e o aprendizado como um engajamento com este outro e com o meio que o cerca. Sua análise traz à tona a questão da agência — que, segundo ela, é negociada temporalmente. A possessão, portanto, só poderia ser entendida em sua própria historicidade — que, neste caso, trata mais do percurso do que dos pontos de chegada ou de partida.

Mas este não é o único tema seminal abordado por Miriam Rabelo: ao longo do livro, ela trata de uma ampla gama de assuntos relacionados ao candomblé, cuja análise aparece ancorada em um vocabulário conceitual criteriosamente selecionado. Termos como agência, ritmo, ética, mediação, participação, fluxos, conexão, composição, multiplicidade e história atravessam todas as descrições que aparecem no livro, nem sempre com o sentido que lhes é geralmente atribuído. Mas a escolha deste vocabulário revela a intenção da autora: ao longo do livro, torna-se visível a relação entre forma e conteúdo de seus relatos; somos apresentados aos fatos da maneira mesmo como eles se apresentaram a ela. Rabelo evita, assim, soluções fáceis ou mesmo apressadas: parece fiel à máxima do candomblé que diz que “quanto mais se aprende, menos se sabe” e, assim, sempre mapeia amplamente as questões e os casos que apresenta, possibilitando uma análise que compreende muitas interpretações possíveis. Conforme avançamos, fica claro que há algo no não dito, no silêncio (que a autora opera com maestria), nas brechas, por onde se poderia vislumbrar uma outra realidade — que, como Rabelo nos lembra o tempo todo, é momentânea —, costurada de outra maneira possível. Suas análises, apesar de complexas, sempre abrem espaço para mais análises — e ela faz questão de deixar esse caminho aberto para aqueles que desejarem segui-lo, apresentando muitas vezes dialeticamente as suas intervenções analíticas. Para o candomblé, o mundo — ela faz questão de nos lembrar — é uma multiplicidade nunca plenamente revelada.

Com descrições detalhadas, Rabelo nos leva a experimentar, junto com ela, suas vivências — apresentando assim aos seus leitores, mais do que um conjunto de conhecimentos, uma capacidade quase sensorial de vivenciar o mundo das religiões de matriz africana. Seus relatos pessoais nos dão a medida em que seu corpo propriamente dito foi submetido às vivências do candomblé. E é justamente na dimensão do sensível que a autora localiza a sua análise, buscando um modelo em que se possa analisar as coisas em seus próprios regimes de existência. Assim, somos conduzidos de um tema a outro e apresentados, aos poucos, às sutilezas das relações que acontecem no espaço da socialidade do candomblé — que pode ser tanto um terreiro propriamente dito quanto um espaço da vizinhança, como ela nos mostra na primeira parte do livro. Os vínculos criados com as entidades, com as lideranças dos terreiros, com os outros membros da religião vão aos poucos aparecendo e alinhavando a etnografia. Não por acaso o fio condutor é o movimento: Miriam Rabelo consegue, com sua descrição, nos dar exatamente a dimensão da fluidez que atravessa a vida no candomblé. A sensibilidade advogada para a análise pode ser sentida também na delicadeza contida em seus relatos etnográficos: desde o uso do gênero feminino como protótipo (“a filha de santo”) à prosódia mantida nas transcrições das entrevistas, até a cautela com que nos apresenta os seus argumentos, muitas vezes seguidos das possíveis objeções que possam vir a suscitar.

O livro, assim, é ele também atravessado por forças similares àquelas que atravessam os seres no candomblé. Em um sistema de pensamento essencialmente baseado em relações, mediações e transformações, as fronteiras entre pessoas, entidades, lugares e coisas não podem ser definidas de maneira absoluta. Assim, muitas vezes é através do

detalhe que Miriam Rabelo aborda questões ontológicas; pelo conflito, nos apresenta as regras. Assim, aprendemos que há coisas que devem ser mantidas separadas para que a vida possa seguir, mas há que se manter a boa distância entre elas; da mesma maneira, há que se educar os filhos de santo e os seus orixás, mas sem nunca diminuir a potência que deles emerge. O vínculo ao candomblé é, ele também, múltiplo: atende aos desejos pessoais ao mesmo tempo em que impõe responsabilidades; conecta com o divino da mesma maneira que com o chão, e com o imaterial na mesma medida que com o material.

É nas descrições de questões prosaicas — mas repletas de sentido — que a etnografia de Miriam Rabelo ganha força; são elas os fios que costuram essa trama relacional do universo do candomblé. E é na sua análise dos assentamentos que todas essas noções se encontram, compondo um quadro mais amplo desta trama. O assentamento é uma “composição envolvendo camadas” (: 283): ele representa o santo, é o santo, contém o santo. Como resolver essa questão de maneira a não restringir nossas categorias possíveis de análise? E a isso, Rabelo nos responde: os assentamentos realizam mediação. A autora sublinha a importância do lugar, enfatizando as relações e as práticas por e com ele engendradas. O assentamento, assim, é foco de uma série de operações: tanto “cria instância para que muita coisa aconteça” (: 207) quanto condensa histórias, o que envolve necessariamente uma dimensão temporal. O mesmo se passa com o *otá*, a pedra que “é o santo de alguém” (: 210), mas que, além disso (ou justamente por isso) tem uma trajetória. Para entendê-la, é necessário “recuperar a voz das coisas” (: 192), o que pode ser feito atendo para as suas “qualidades sensíveis” (: 214), resgatando assim a sua expressividade, dada em seu próprio feixe de relações. Assim, Miriam Rabelo nos apresenta uma maneira de lidar com essas “coisas que não são só coisas” (: 221), mas que se apresentam como um cruzamento, um espaço próprio de encontros, uma confluência.

A quinta e última parte do livro trata justamente desse espaço próprio de encontros, representado pela comensalidade, já que “comer é parte importante da dinâmica relacional mais ampla do candomblé.” (: 250). A autora descreve um ritual do qual fez parte: além da comida, a cerimônia envolve também um longo período de repouso. Ambos envoltos em uma dinâmica de cuidado, associado por Rabelo à uma ética e a uma estética do candomblé, que juntas formam conexões “que ajudam a formar um modo de envolvimento e comprometimento com o destino de outros” (: 266).

Na sexta parte, Miriam Rabelo retoma a ideia de multiplicidade. Segundo ela, “no candomblé, as diferenças valorizadas entre os seres não impedem participações e misturas; na verdade, parecem antes solicitá-las. (...) As participações não visam dissolver as diferenças - seu propósito é antes contribuir para a constituição e desenvolvimento de cada uma das (diferentes) entidades que convoca.” (: 279, nota). Essa ideia de mistura se articula à da composição em camadas, segundo a qual, nos diz Rabelo, tudo se faz no candomblé. O mesmo ocorre com o seu livro: conforme avançamos, podemos perceber as suas camadas, escolhendo, em alguns momentos, a qual profundidade chegaremos. Um olho treinado é capaz de identificar onde se esconde alguma informação restrita; mas, se é capaz de encontrá-la, é porque está preparado para isso. E assim podemos sentir um pouco como se vive, como se aprende, como se cuida e se é cuidado no universo do candomblé.

Recebido em 21 jul. 2017.

Aceito em 30 ago. 2017.